

Família, Ciência e Subjetividade

Já há algum tempo tenho procurado, a partir da Análise de Discurso, e mais recentemente com a Psicanálise, compreender a resignificação da instituição família, tendo em vista não somente as mudanças sócio-culturais e econômicas presentes no interior da sociedade ocidental, mas como os efeitos produzidos por tais mudanças atingem o sujeito moderno, constituindo formas contemporâneas de subjetividade. Transformações que acreditamos encontrarem-se marcadas por um processo de esvaziamento da dimensão simbólica da família¹.

Em relação a este processo quero destacar os adventos produzidos por práticas médicas que apontam para uma nova forma de procriação e produzem um novo conceito de paternidade/maternidade: bebês de proveta, bancos de espermas, produções independentes ou barrigas de aluguel através das quais homens e mulheres reivindicam para si mesmos a autoria de um possível filho, etc. Relações que ao serem constituídas por um discurso científico baseado, essencialmente, em aspectos fisiológicos e biológicos, deslocam e resignificam as relações tanto de homem-mulher quanto da própria filiação atingindo de forma conseqüente a dimensão simbólica dos laços familiares.

Em relação a essa questão Nogueira Filho (1999: 06) afirma:

A clonagem e a engenharia genética são dois claros exemplos de como a ciência pode intervir tanto no imaginário da humanidade quanto nas possibilidades concretas de alterar o que antes nada mais era que ironia ou azar do destino. E esse é um ponto que, sem dúvida, deve instigar os que indagam sobre as transformações prováveis no dia-a-dia, sobre as novas subjetividades que surgem e os efeitos que estas novidades podem trazer.

¹ Acreditamos poder remeter este enfraquecimento social e simbólico da família ao que Lacan chamou de declínio da imago paterna ou declínio do Nome do Pai. Declínio cujos efeitos são determinantes nas relações entre os sujeitos na nossa cultura provocando os mais variados efeitos sociais. "Se por um lado o psicanalista conhece e acompanha esses efeitos no seu consultório, eles não são menos conhecidos pelo cientista social ou pelo historiador, que observam as transformações na família e o esvaziamento da autoridade paterna nos últimos tempos. Tal declínio é concomitante ao fortalecimento do sentimento de autonomia do sujeito, que acredita não ter mais que submeter-se a nenhuma Lei simbólica, quer ela se presente sob a forma de tradição, da religião, da paternidade, etc. (Teixeira, 1999: 76)

É fato que um novo discurso nasce no século XVII, o da ciência. Desenvolveu-se lentamente e determinou a civilização dita científica. A objetivação nesse discurso é a alienação mais profunda do sujeito de hoje, primeiro no Ocidente, depois pouco a pouco, por todo o planeta atingido pela ciência e pela tecnologia. Caracterizado por um saber com sentido de totalidade, de completude, o discurso científico pretende dar conta do todo, de um conhecimento total. Saber que não comporta qualquer sombra da singularidade subjetiva, de um saber insabido, saber do inconsciente, não positivável, ao qual todo sujeito encontra-se assujeitado.

Para Julien (18):

... isso não deixa de ter efeitos sociais: uma obra comum onde essa enorme objetivação circula segundo essa tripla comunicação sem fronteiras: o mercado dos bens, a migração das famílias, a informação da mídia.

Tal afirmação permite-nos pensar sobre o quanto o discurso da ciência, aliado ao discurso do capitalismo, produz efeitos de forma a operar uma mudança nos ideais que orientam nossa sociedade, nossa cultura. Ideais que tinham o ser como referência foram substituídos por ideais que tomam o ter como referência. Operação a partir da qual observamos a existência de uma instrumentalização da condição humana. Eis aí um dos efeitos do discurso da ciência.

Pela ciência podemos acreditar que fecundidade humana é apenas um fenômeno fisiobiológico real e que o saber científico contido nas técnicas médicas de procriação pode possibilitar, ou evitar, o advento de uma gravidez, sem que os avatares do desejo sexual sejam aí contemplados. Funcionamento que acreditamos determinar novas formas de subjetivação.

Isto posto, neste trabalho, quero destacar alguns dos inúmeros sentidos produzidos pelo cruzamento discurso científico/discurso publicitário na constituição dos processos identitários e de identificação do sujeito urbano, considerando a existência do já referido processo de esvaziamento simbólico da família. Para desenvolver minha reflexão analisarei o funcionamento lingüístico/discursivo de duas campanhas publicitárias cujo mote são os exames em DNA para a determinação de paternidade. A primeira realizada pelo laboratório “BIO Genetics” de Goiânia e a segunda pelo laboratório “GENE” de Belo Horizonte.

Será em relação a primeira que me deterei mais detalhadamente visto se tratar de uma prática significativa da sociedade urbana: o outdoor². Vale dizer que a localização de tais *outdoors* no espaço urbano era sempre próxima a universidades e shopping centers. Fato que me permite pensar que estes não se encontravam dirigidos a um público qualquer mas a um público alvo com características intelectuais e poder aquisitivo diferenciado.

DNA, paternidade biológica e suas implicações

Para a Análise de Discurso (AD) a observação de uma situação imediata tendo em vista a circunstância da enunciação, requer a consideração da espessura material das condições de produção em que entra a memória já delimitando o que da situação imediata faz sentido (Orlandi, 1998). Ou seja, há aí uma historicidade dos sentidos que devem ser consideradas.

Pensar o *outdoor* como uma prática significativa de uma sociedade urbana marcada pelo consumo desenfreado de objetos significa considerar já na produção do slogan a presença de um sujeito/consumidor constituído por necessidades lógico-pragmáticas visto que ele funciona, essencialmente, como “*vitrine para atividades comerciais (Horta, 1995: 16)*”. Implica, ainda, pensar sobre os múltiplos efeitos de subjetividade produzidos por tal prática no espaço urbano pois, de fato, o *outdoor*, enquanto prática significativa do contexto urbano, parece-me materializar a existência de um sujeito urbano constituído pela ilusão de que a posse de um objeto a ser consumido, obture a falta que lhe constitui.

Interessante observar que os enunciados a serem analisados são produtos de uma campanha publicitária cujo objetivo não é a divulgação e venda de um objeto qualquer, mas de um produto - exame em DNA - que oferece ao sujeito/consumidor absoluta garantia na determinação de paternidade.

² Campanha cuja realização deu-se em dois momentos: um primeiro destinado à instalação inicial dos *outdoors* no espaço urbano e um segundo com uma nova instalação do mesmo *outdoor* nos mesmos locais, porém com uma substituição dos slogans produzidos pela campanha.

Vejamos:

DNA PATERNIDADE: UMA RESPOSTA PARA SEMPRE.

DNA NO MÍNIMO A VERDADE

DNA MAIS QUE UM CÓDIGO GENÉTICO, UM CÓDIGO DE HONRA

Quanto à composição gráfica do outdoor, gostaria de destacar o fato deste apresentar a linguagem verbal de forma predominante. Não há ali nenhuma figura. Ainda que DNA seja sempre apresentado em cores fortes - verde, azul e vermelho - ocupando cerca de 35% do painel, não podemos deixar de observar uma escolha pela linguagem verbal.

Em relação a esse aspecto, nos remetemos a afirmação de Orlandi (1995: 43) que a sobredeterminação do verbal sobre o não-verbal na mídia produz “... efeito [ideológico] da transparência da informação, do estável (ou pelo menos, do diretamente decodificável). Afirmação que nos permite pensar o quanto o termo DNA - marca de um discurso científico - ao ser significada exclusivamente pela linguagem verbal produz no outdoor uma imagem capaz de ampliar os efeitos de evidência, literalidade e estabilidade dos enunciados produzidos pela campanha.

Um outro elemento a ser considerado nesta análise é o posicionamento ocupado por DNA no outdoor. Apresentado em letras garrafais, separado do restante do enunciado, DNA parece bastar por si só, não necessitando de nenhuma definição ou explicação do que significa.

Segundo Horta (1995: 23):

A imagem pode servir ao analista como uma das marcas que permite restabelecer os implícitos, os pré-construídos, diante de um objeto de análise. Nesse sentido, ela funcionaria como operador de memória nas situações discursivas.

Tendo em vista as observações até então realizadas, acredito poder remeter o funcionamento lingüístico/enunciativo e imagético destes outdoors ao efeito de “pré-construído” definido por Pêcheux como o “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma de universalidade. Evidências

que fornecem ao sujeito leitor – consumidor em potencial - um espaço de identificação a partir do qual se produz uma significação sobre sujeito/DNA/paternidade determinada pelo discurso científico-publicitário .

Vejam os quadros:

DNA	<i>PATERNIDADE: UMA RESPOSTA PARA SEMPRE</i>
	<i>NO MÍNIMO A VERDADE</i>
	<i>MAIS QUE UM CÓDIGO GENÉTICO, UM CÓDIGO DE HONRA.</i>

Observando o funcionamento discursivo destes outdoors verificamos que em todos os *outdoors*, o termo DNA antecede ao texto. A partir daí, todos os enunciados são remetidos a DNA cujo efeito de evidência exclui a necessidade de definição ou explicação.

Por acreditarmos que o primeiro slogan, ao resignificar paternidade em paternidade biológica a partir de DNA, funciona enquanto enunciado de base da campanha, trabalharemos o restante dos enunciados tal como o primeiro. Interessa colocar que, apesar da designação “paternidade biológica” não aparecer explicitada, ainda assim, funciona discursivamente como “já dada” sendo evocada em todos os slogans.

DNA	PATERNIDADE	<i>UMA RESPOSTA PARA SEMPRE</i>
		<i>NO MÍNIMO A VERDADE</i>
		<i>MAIS QUE UM CÓDIGO GENÉTICO, UM CÓDIGO DE HONRA.</i>

Segundo Guimarães, a operação enunciativa de designação acaba por produzir um efeito de unidade mediante o qual ignora-se a existência de um interdiscurso produtor de tal designação. Operação que acaba por instaurar a ilusão de um presente sem memória e naturalizar uma determinada forma de significar.

Na designação, a ilusão de unidade do objeto designado funciona segundo as determinações da dominância de uma formação discursiva.(Guimarães, 1995: 64)

Considerar o efeito de unidade produzido pelo processo de designação significa refletir sobre a legitimidade/instabilidade da designação trazendo uma necessária reflexão sobre existência de uma injunção ideológica a qualquer operação de designação.

Desta forma, para pensar os efeitos de naturalização da designação “paternidade biológica” nestes outdoors, a partir do discurso científico-publicitário lembro que, para Pêcheux(1988), o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição não existe em si mesmo “*em uma relação transparente com a literalidade do significante*”, mas “*deve ser remetida ao processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas*”. Nesse sentido, a designação de paternidade, seja qual for - biológica ou não - não deve ser interpretada de forma unívoca, mas segundo a interdiscursividade que movimenta a enunciação.

Ainda em relação ao processo de deriva³ aqui observado, o termo paternidade não é o único que se encontra resignificado, mas também a expressão DNA que, a partir de então, passa a ser significada como “paternidade biológica”. Nos dois últimos slogans, a referência explícita à paternidade é eliminada enquanto DNA ocupa a posição de “paternidade biológica”.

	<i>NO MÍNIMO A VERDADE</i>
<i>DNA</i>	<i>MAIS QUE UM CÓDIGO GENÉTICO, UM CÓDIGO DE HONRA.</i>

Para mim, a presença da expressão “paternidade biológica”- seja esta remetida a DNA ou não - no interdiscurso da sociedade brasileira, diz do quanto o discurso científico/biológico é capaz de, ao intervir em nosso imaginário, produzir uma certa estabilidade

³ Para Pêcheux(1997: 53): “... todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro ... Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série(léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis oferecendo lugar a interpretação.”

referencial e, ao mesmo tempo, silenciar sentidos que digam da dimensão simbólica da paternidade.

DNA: resposta e verdade de uma paternidade

Produzidos no interior de uma campanha publicitária, o funcionamento discursivo dos slogans apresentam uma substituição dos enunciados de forma que, ainda que estes se encontrassem separados/recortados no espaço urbano, configuravam-se como parte de um mesmo texto.

Nos dois primeiros enunciados: “DNA: PATERNIDADE: UMA RESPOSTA PARA SEMPRE” e “DNA: PATERNIDADE NO MÍNIMO A VERDADE” percebemos uma relação de articulação entre DNA/paternidade/resposta e DNA/paternidade/ verdade. Considerando os efeitos de deriva aí existentes, veremos que o termo “verdade” remetido à expressão “uma resposta para sempre” indica-nos um sentido de verdade que não comporta dúvida ou divisão. Desta forma, verdade e ciência coincidem não havendo lugar para o sujeito dividido/cindido por sua verdade. Discurso que ao pretender excluir e eliminar dúvidas permite-me pensar a subjetividade contemporânea. Neste ponto a afirmação de Roudinesco(1999:) torna-se esclarecedora:

... as sociedades democráticas do fim do século XX deixaram de privilegiar o conflito como núcleo formativo da formação subjetiva. Em outras palavras, a concepção freudiana de um sujeito do inconsciente, consciente de sua liberdade, mas atormentado pelo sexo, pela morte e pela proibição, foi substituída pela concepção mais psicológica de um indivíduo (...) que foge de seu inconsciente e está preocupado em retirar de si a essência de todo conflito.

A Ciência e o Consumo

Nesse ponto, acreditamos ser necessário fazer algumas considerações. O discurso científico ao qual temos nos remetido apresenta uma especificidade: é um discurso

determinado por uma sociedade de mercado cujo objeto ou conhecimento a ser produzido inclui-se entre tantos outros objetos a serem consumidos⁴.

Determinados por um cruzamento entre discurso científico e discurso publicitário os slogans produzidos não apresentam nenhuma intenção de tornar acessível ao público o resultado das pesquisas científicas relacionadas ao DNA, mas a partir dos efeitos imaginários produzidos por estes, oferecer o exame em DNA a um possível consumidor. Nesta perspectiva, não é necessário que o provável consumidor saiba o que seja DNA pois o que funciona discursivamente, enquanto efeito de sustentação da campanha, é a relação DNA e paternidade. Isto é, o exame em DNA - produto a ser comprado e consumido - pode permitir a elaboração de um lado pericial conclusivo, na área de determinação de paternidade.

Sabemos que o discurso da publicidade objetiva capturar o olhar do possível consumidor a qualquer preço deixando-o como que sem escolha diante do apelo que lhe é feito. Aí o objeto deve tornar-se suscetível de provocar um efeito de necessidade e ao mesmo tempo causar um certo estado de dependência. Na produção de um *outdoor*, o texto a ser apresentado não pode existir independente daquele a quem é endereçado, os desejos do possível consumidor devem ser aí incorporados produzindo relações de identificação entre sujeito e objeto a partir das quais o sujeito seja capaz de se ver no produto oferecido.

Conforme afirmamos anteriormente, estranhamente o produto anunciado e enunciado neste *outdoor* diz ao sujeito de questões que vão para muito além de uma definição de paternidade convocando-o necessariamente em relação a sua identidade sexual.

Assim sendo, pergunto-me sobre os efeitos produzidos por este discurso publicitário/científico na definição do sentido de paternidade em nosso tempo. Paternidade que já não se encontra mais submetida aos avatares de um sujeito e sua história mas remetida ao “real” do corpo e determinada pelo poder de compra. Nesse sentido, que sujeito é convocado por tais significações? Que economia subjetiva podemos neste sujeito apreender

⁴ Em relação a este discurso nos remetemos ao que Ravetz (apud, Nogueira Filho, 1999: 07) “denomina de ‘os estados patológicos da ciência’, que corresponde a ciência suja, contaminada por elementos econômicos, ao emprego desenfreado da tecnologia e à ciência imprudente que é capaz de julgar toda e qualquer advertência ética um estorvo a seu progresso.”

visto que, submeter-se a um exame em DNA, implica em uma determinada posição subjetiva frente ao enigma que constitui para ele a realização de sua feminilidade/masculinidade? Quais efeitos fantasmáticos podem advir a partir daí?

O fato é que a promessa de uma resposta para sempre apresenta-se como válida para todo sujeito que deseje comprar a verdade de uma paternidade. Melhor dizendo, neste contexto, a verdade da paternidade pode ser adquirida pela via de um exame a ser pago e cujo selo de garantia é fornecido por um saber científico.

Entretanto, em relação a este saber Julien (1997: 47) alerta:

A ciência da reprodução do ser vivo evidencia, constantemente, um saber acerca do impossível. Qual impossível? Por mais que o saber científico ininteligibilize a relação entre o espermatozóide e óvulo, esse mesmo saber indica como impossível, que a verdade sobre a paternidade seja da ordem daquilo que este saber aí demonstra, " Pode-se dizer, com efeito, que se é filho ou filha de um espermatozóide? Uma falha abre-se nesse ponto. Essa falha já estava aí, certamente, mas com o avanço do saber é colocada de forma clara. Por isso, só se pode entender como abuso, do uso da linguagem, a alusão à expressão paternidade biológica."

Questões que nos permitem pensar o quanto a inter-relação ciência e mercado na sociedade contemporânea torna-se fundamental na produção de um sujeito determinado pela "... ilusão de uma liberdade irrestrita, de uma independência sem desejo, e de uma historicidade sem história." (Roudinesco, 1999: 15)

Sem dúvida alguma, os efeitos produzidos por estes enunciados acabam por ocultar o sentido particular da existência. Pretendendo dar conta de uma verdade produzida pela ciência acaba por silenciar uma possível interrogação do sujeito frente a uma possível paternidade: o que sou eu, então em tudo isso? Neste contexto, paternidade, nascimento e morte são desubjetivados. O enigma do desejo do Outro, *che vuoi* ?, esmaga-se em saberes ditos científicos a partir dos quais tal enigma desfaz-se em certeza.

E quanto a aquele, criança ou adolescente que aguarda uma resposta? Para a Psicanálise, o simples nascimento de uma criança não possibilita a esta ser marcada simbolicamente e ingressar em uma cadeia de filiação. É preciso que antes de mais nada haja desejo por

parte daqueles que aguardam seu nascimento. Somente o desejo dos pais pode transformar um pequeno pedaço de carne em um sujeito capaz de viver e desejar.

Nesta perspectiva, ser pai não pode significar ser apenas o genitor da criança e nesse sentido, “... *pretender fundar a paternidade sobre a “verdade biológica”, é fazer evidenciar ainda sua fragilidade*” (Julien,1997). É assim que, ao se falar em “paternidade biológica”, abala-se de uma só vez, tanto a pilastra da paternidade quanto da filiação.

Retornemos a análise:

DNA	<i>MAIS QUE UM CÓDIGO GENÉTICO, UM CÓDIGO DE HONRA.</i>
-----	---

No caso do terceiro slogan, a metaforização de DNA em código de honra aponta-nos um imaginário burguês no qual um indivíduo – portador de determinadas qualidades – é convocado a ocupar seu lugar. Se partimos do sentido dicionarizado de honra segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* temos: “ 1. *Consideração e homenagem à virtude, ao talento, à coragem, às boas ações ou às qualidades de alguém....* 2. *Sentimento de dignidade própria que leva o indivíduo a procurar merecer e manter a consideração geral ...* 3. *Dignidade, probidade, retidão.* 4. *Grandeza, esplendor, glória.*”

Discursividade que, através das evidências nela construídas, interpelam o sujeito leitor justamente em relação a qualidade - honra – que o possibilita ser digno perante a sociedade que habita podendo funcionar como nomeação. Nesta perspectiva, utilizar-se das técnicas de exame em DNA, pode apresentar-se como condição necessária para ser considerado honrado e digno.

Com efeito, DNA significado como código de honra comparece, neste *outdoor*, como conjunto de leis, regras e normas de comportamento - determinados pela ciência - capaz de possibilitar ao indivíduo um sentimento de dignidade que lhe permita merecer a consideração geral e ser reconhecido perante a sociedade. A questão é que, paradoxalmente, valores como honra, dignidade, probidade, retidão passam a ser adquiridos não mais

por via das relações simbólicas estabelecidas pelo sujeito, mas por um saber científico que advém do real do corpo⁵.

O Preço de uma Paternidade

Antes de finalizarmos, vejamos uma análise rápida de alguns recortes de um catálogo de serviços do laboratório “Gene” destinado a explicar as formas de exames realizados para a determinação da paternidade por via do DNA:

O GENE é líder absoluto em determinação de paternidade pelo DNA, é o laboratório com maior experiência no Brasil. Já tendo examinado mais de 20 mil pessoas em perícias judiciais e particulares. (...) Exclusão da paternidade com 100% de confiabilidade é o padrão da “Perícia Ideal”. Por isso GENE utiliza 3 sondas Multilocais e mais PCR de locos únicos, gratuitamente, em toda perícia que mostra exclusão. Deste modo, as exclusões de paternidade do BENE tem confiabilidade absoluta pois, na realidade, são feitas duas perícias, eliminando qualquer dúvida de que mutações, erros humanos ou técnicos possam ter gerado dados espúrios.

A ênfase nos procedimentos técnicos para exclusão da paternidade são determinantes no silenciamento dos efeitos do desejo sexual em situações em que se demanda uma paternidade. Neste contexto, cabe ao laboratório a resposta que lhe permite reconhecer-se, ou não, enquanto pai. Certeza, confiabilidade absoluta, resultados conclusivos, eliminação de dúvidas, erros humanos ou técnicos são os termos utilizados.

Com efeito, interrogo-me quantos aos efeitos ...

⁵ Ao comentar o fato de que a cultura ocidental deixa de se referir a valores simbólicos e exalta a autonomia do indivíduo Calligaris (1997: 100) afirma: “... em vez de sabedorias tradicionais, encontramos a autoridade do que é apresentado como a irresistível evidência do real, biológico, químico, anatômico e, por consequência, científico. Nunca foi tão explícita a preferência social por qualquer tipo de simplificação que pareça resolver cientificamente nossos dramas cotidianos.”

Continuemos:

Em caso de perícia sem a mãe, só com o(a) filho(a) e o suposto pai, há a necessidade de maior número de exames em DNA para suprir a falta de dados maternos e o preço é R\$ 2.600,00.

Não é difícil constatar-mos aí um esvaziamento das funções simbólicas parentais visto que, no processo de determinação da paternidade, a mãe pode não ser convocada sendo substituída por “maior número de exames”. Mãe que nesse momento é metaforizada em “dados maternos” e o pai é apenas “suposto”. Exame cujo preço é de R\$ 2.600,00.

Alastrou-se no Brasil, a equivocada noção de que todo exame de paternidade era igual e a redução do preço das perícias feitas com poucos PCR parecia ser atraente, sem que a lamentável redução da qualidade dos exames e a baixa confiabilidade dos resultados fossem percebidas.

Se o preço for muito baixo, não hesite em questionar o efeito disto sobre a qualidade, credibilidade e validade do laudo. Uma perícia não convincente terá que ser repetida no futuro.

Neste discurso, além da verdade do sujeito encontrar-se determinada pelo poder de compra, encontra-se também dependente do preço da mercadoria, ou seja, do exame. Nesse sentido, “se o preço é baixo” a verdade pode não ser confiável.

Finalizando

Caracterizado por uma pretensa objetividade, o discurso científico pretende eliminar toda forma de subjetividade, de significação ou de simbólico, e a tomar como modelo da realidade humana os processos, físico-químicos, biológicos ou cognitivos. Discurso que afasta dúvidas e dá ao sujeito a ilusão de saber baseado na verdade científica. É assim que o slogan diz de uma verdade que concederá ao sujeito uma resposta para todo o sempre. Saber total que retira o sujeito da relação angustiante que vive em relação a sua castração produzindo a ilusão de um *gozo sem interdito ... gozo garantido por fatura*.

Neste contexto, o que sou, qual é o meu sexo, são questões que apesar de serem essencialmente convocadas ao sujeito na relação com a paternidade podem ser adiadas -

e apenas adiadas - diante da certeza de uma resposta que vem do “real” do corpo.

Questões que ao colocarem em cena novos sujeitos, novas formas de relação, novas formas de subjetivação, novas famílias e, neste contexto, um outro sentido de paternidade, fazem-me pensar o esvaziamento simbólico da família contemporânea que tenho procurado compreender .

Résumé

En considérant l'existence d'un processus d'effacement de la fonction symbolique de la famille, cet article réfléchit sur les effets du discours scientifique-publicitaire inscrit dans ce processus. Nous analysons deux genres de données d'un corpus publicitaire portant sur des dépistages de DNA pour détermination de paternité. Les analyses pressuposent théoriquement la Psychanalyse et l'Analyse du Discours.

Referências Bibliográficas

- Cassigaris, C. (1997) “Sociedade e Indivíduo”. In: *Psicanálise e Sintoma Social*. São Leopoldo, Unisinos.
- Guimarães, E. (1995) *Os limites do sentido: um estudo histórico enunciativo da linguagem*. Campinas, Pontes.
- Julien, P. (1997) *O manto de Noé: ensaio sobre a paternidade*. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Revinter.
- Nogueira Filho, D. M. (1999) “Ética e saúde mental”. In: *INSIGHT: Psicoterapia e Psicanálise Ano IX - n. 102*. Dezembro. Lemos Editorial & Gráficos Ltda.
- Nunes, J. H. (1998) “Janelas da cidade: outdoors e efeitos de sentido”. *Escritos n.2: Ver e Dizer*. Campinas, Laboratório de Estudos Urbanos - NUDECRI.
- Orlandi, E. P. (1995) “Efeitos do Verbal sobre o Não-Verbal”. *Rua*, Campinas, Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, nº.1.
- Orlandi, E. P. (1998) “O Próprio da Análise de Discurso”. *Escritos n.3: Discurso e Política*, Campinas, Laboratório de Estudos urbanos - NUDECRI.
- Pêcheux, M. (1975) *Semântica e Discurso: Uma Crítica a Afirmação do Óbvio*. Trad. Eni Orlandi et alii. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.
- Pêcheux, M.(1988) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, Pontes, 1997.
- Roudinesco, E. (1999) *Por que a psicanálise?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar 2000.